

RECENSÕES

ROSA, Faure da. *O Massacre*. Lisboa, Edição do Autor, 1972, 161 pp.

O romance *O Massacre* apresenta uma intrincada rede de problemas sociais, sentimentais e morais em que se enredam inúmeras personagens como por exemplo: Renato, Gabriel, Guida, Cândida, Lô, Fred, Arlindo, Ofélia, Irene, Arquibaldo, Beti, Lili, Gonçalo, Jorge, etc.

Os temas que merecem mais demorada reflexão são os da morte, do casamento, do preconceito moral com relação às mulheres de "vida fácil" ou com relação às pessoas de cor (curioso como F. R. apresenta figuras de homens que se prostituem por razões muito menos frágeis que as mulheres).

Outro problema que inclusive coloca F. R. ao lado de outros romancistas da atualidade (Marla Barreno, Maria Velho da Costa e Maria Teresa Horta entre outros) é a militância em favor da libertação das mulheres.

"Escravas ou livres, as mulheres são infelizes ou têm-no sido e preparam-se para deixar de o ser. E isso tem o seu preço. Não me julgue conceituosa. Foi o grande ensinamento que tirei da vida: escravas são vítimas dos homens, livres são-no de si próprias, ou antes das circunstâncias, o que faz parecer que o são de si próprias" (p. 13).

A impressão primeira que as personagens nos causam é de que há uma frustração geral de todas elas, exceção feita à figura de Arlindo. Outra tônica do livro é a intensa preocupação com a vivência erótica que aparece apenas levemente em *As Imagens Destruidas*. Uma novidade na ficção de F. R. é a presença da metalinguagem, isto é, o próprio romancista a meditar sobre seu próprio romance preocupando-se com a validade, as possibilidades e com o próprio limite do romance.

“Como dizia há momentos: poder falar de tudo ao mesmo tempo. Só assim a criação literária me poderia interessar” (p. 110).

“Eis porque não sou escritor ou uma das razões porque o não sou. Teria de desencantar um processo de falar de tudo ao mesmo tempo. Quando analiso um determinado problema, não penso esquematicamente primeiro num fator, depois noutro, etc. Mas em vários, simultaneamente” (p. 109).

É evidente em alguns termos e expressões a presença de um despojamento de linguagem que se observa em toda extensão da obra que só se pode explicar pelo traçado de algumas personagens como Guida, Cândida, Renato e Gabriel.

Tudo isso, personagens frustradas ou, pior, prostituídas como são quatro das principais e que só têm recursos para usar expressões e palavras chulas e de baixo calão, não estarão personagens e respectivas linguagens servindo a F. R. para definir uma sociedade em liquidação, em total decomposição?

Salvo melhor juízo, neste livro, F. R. está longe dos graves problemas existenciais do ser. Parece evidente que não estamos diante de um romance de verticalidade psicológica, mas antes de uma obra preocupada com problemas sociais, em torno de temas como o casamento, o preconceito de cor e de outras ordens como a política, a morte, etc.

O livro, no que respeita às personagens, não se preocupa com a comunicação no plano cósmico e portanto não evidencia o grande diálogo entre os seres; a comunicação entre eles se opera no plano epidérmico das considerações sobre as possíveis relações que as personagens poderiam manter na vida em comum. Seja dentro do casamento, seja fora dele. Aqui, verifica-se a presença de preconceitos mesmo nas personagens em que se observam poucos valores de vida, caso particular de Renato.

Quanto às figuras femininas, algumas delas perderam os valores e o sentido das coisas, porque os homens e a sociedade as levaram a isso.

Uma visão amarga dos problemas, o romancista vê nas mulheres vítimas desta ou daquela natureza.

Com *O Massacre*, F. R. realiza pela primeira vez em seu romance uma experiência no campo do foco narrativo. A estória inicia-se com Renato narrando em 1ª pessoa e em algumas oportunidades aparecendo como antecipador dos fatos.

À página 105 o foco narrativo desloca-se para Gabriel que em 1ª pessoa vai explicar-se com maior profundidade no capítulo em que narra em 1ª pessoa.

As personagens em geral são planas, exceção feita a Gabriel que é visto numa dimensão mais profunda e constitui personagem redonda, já que o romance acompanha a evolução da personagem no plano social e psicológico e curiosamente terminando com um fato de certo modo inesperado e inovador no romance de F. R. que é uma leve disponibilidade e gratuidade na personagem Gabriel verificada no fato de, ao final do romance, vir a assassinar friamente algumas figuras, como Beti, Jorge, LIII, etc.

O espaço entendido como ambiente em que circulam as personagens não situa qualquer cidade (provavelmente Lisboa) se não é desimportante, constitui-se elemento irrelevante no romance.

Tais personagens vivem numa intrincada rede social e só se conhecem num plano que carece de profundidade. Raramente uma personagem emerge com um aspecto mais profundo que estabeleça uma dimensão de caráter introspectivo.

Disto resulta um tempo predominantemente exterior ou cronológico, raramente aparecendo momentos de duração interior ou psicológica.

Personagens, como Ana, Renato, Beti, Gabriel, Jorge ilustram problemas de caráter social e político, tais como a limitação da mulher portuguesa, a prostituição do homem e da mulher, os horrores da guerra e a opressão.

O Massacre resolve-se num romance que, embora ofereça aspectos inovadores e de real interesse, nem pelo conteúdo, nem pela estrutura pode situar-se ao lado dos melhores romances de F. R. que continuam sendo *As Imagens Destruidas* e *Escalada* (João Décio e Lurdes Andreassi).

ATAÍDE, Vicente. **A Narrativa de Ficção**. Curitiba, Editora dos Professores, 1972.

A **Narrativa de Ficção**, título por si mesmo atraente, dado o interesse despertado pela ficção e os estudos desenvolvidos em torno da estrutura da narrativa.

O autor a apresenta como resultado de seus trabalhos junto aos estudantes da Universidade Católica do Paraná, onde se doutorou e é docente.

A primeira parte de sua obra aborda a **Morfologia da Ficção** e se subdivide em: 1. Fundamentos estéticos 2. A Narrativa de ficção 3. O problema do enredo 4. A personagem 5. Tempo e espaço 6. Situação-ambiente 7. Ponto de vista 8. Soluções ficcionais brasileiras 9. Problemas gerais da ficção.

Coloca em seus "Fundamentos estéticos" a Literatura sob o enfoque da Teoria da Comunicação. Procura analisar e prescrever formas de procedimento do "emissor" e do "receptor" em termos de fruição, empatia e gasta bastante espaço mostrando-nos que a Literatura se constrói sobre um processo de verossimilhança, sem contudo denominá-lo como tal.

Apresenta como constituintes ficcionais: Enredo, Personagem, Tempo, Espaço, Situação-ambiente, Ponto de vista. Atento à importância da relação lingüística-literatura, menciona alguns conceitos como norma, sistema, etc., mas para af. Seu enfoque é personalístico.

A segunda parte se constitui de **Três Ensaio**s: A narrativa de Lygia Fagundes Telles, A ficção de Alcântara Machado, A narrativa de Samuel Rawet.

1. Linguagem e estilo
2. A ficção de Alcântara Machado
3. Angústia e solidão da personagem

Vicente Ataíde merece ser lido pelo trabalho de colocar suas idéias no papel, pela tentativa de acrescentar aos estudos teóricos aspectos novos e esclarecedores, pelas análises presentes nos **Três Ensaio**s. Suas colocações, entretanto, fornecem material farto para amplos debates. Como exemplo citamos: as qualidades essenciais apontadas para o enredo e personagens — coerência, necessidade, convencionalização, verossimilhança e universalidade —, definidos pelo autor, mas que pedem reparos; a situação-ambiente na maioria das vezes como detalhe intangível, inapreensível objetivamente na obra. Para o escritor difícil de criar e para o leitor difícil de perceber. A situação-ambiente, sim, será conotada a partir de elementos dêiticos facilmente perceptíveis: são os índices de R. Barthes; conceitua fábula como peripécias, acontecimentos, episódios; ação como seleção e organização do material artístico e diz: A narrativa de ficção perdeu a fábula. Parece que a narrativa não poderia ter perdido a fábula, uma vez que a "ação" não é senão a organização artística da fábula.

Enfim, seria produtiva uma retomada pelo autor dos aspectos selecionados que permitiria talvez maior objetividade e pertinência, contribuindo para o desenvolvimento dos estudos semiológicos atuais (Ione Maria Ghislene Bentz).